

podéssemos dizer: um bom tratado de teologia e pastoral dos sacramentos.

JORGE COUTINHO

RIGAL, Jean, **Une foi en transhumance**, Desclée de Brouwer, Paris, 2009, 264 p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-06063-7.

O *Lexis – Dictionnaire de la langue française*, da Larousse, define «*transhumance*» como o movimento dos rebanhos, nos países mediterrânicos, que, no verão, se deslocam para as montanhas vizinhas; ou também como a deslocação a que os apicultores submetem as colmeias para seguir a floração. A metáfora é, neste livro, aplicada por Jean Rigal à condição da fé religiosa no tempo presente e no seu movimento no universo cultural, em que se assiste a um florescimento de novas sensibilidades e novas expressões da descrença, em face das quais será preciso proceder a um fecundo movimento de «criatividade da fé».

A fé em «*transhumance*» poderia ser traduzido por «a fé em deslocação»; mas essa tradução é, sem dúvida, inadequada, não permitindo compreender o sentido essencial ou o que o autor quis dizer com aquela metáfora. Talvez ajude um pouco esta confissão que faz na Introdução: «Acontece-me sofrer por ver 'a minha Igreja' preocupar-se com coisas secundárias, ou mesmo fúteis, no momento em que se põem 'a descoberto' as questões mais fundamentais sobre o sentido da vida e o futuro da humanidade. Em sentido inverso, grande é a minha alegria quando vejo cristãos apaixonarem-se pela partilha do Evangelho ou empenharem-se na humanização da nossa terra, para que ela seja um pouco mais viável e fraterna» (p. 11).

Para ajudar ao desejado redireccionamento – ou, melhor, adequação – da fé,

Jean Rigal, que foi professor de eclesiologia na Faculdade de Teologia de Toulouse durante vinte anos, numa primeira parte do livro, vai ao encontro dos actuais desafios que se colocam àquela, em sua condição ora de confronto com a descrença e as novas culturas ora de fervorosa revitalização. Uma segunda parte é dedicada às novas gnoses que pululam hoje, como no antigo paganismo. Delas é exemplo emblemático o fenómeno d'*O código Da Vinci*. A terceira parte versa sobre uma característica essencial e muito bíblica da fé: a fé «a caminho» ou a fé como um caminho a percorrer. Os últimos capítulos reflectem sobre alguns pontos essenciais da fé cristã que se tornaram desvitalizados e vazios quer na sua assunção pelos crentes quer na prática corrente da pastoral. Assim a fé na ressurreição dos mortos e todo o Símbolo de Niceia-Constantinopla.

Em conclusão, Rigal não deixa de insistir em que a fé não é algo de estático, uma herança apenas (porventura mal) recebida. Ela é um devir. E carece de ser permanentemente reconduzida à pureza, à frescura e à energia originárias da genuína experiência do Evangelho.

JORGE COUTINHO

BOUCHEUX, Mgr Raymond, **À la découverte de Vatican II**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 250 p., 210 x 140, ISBN 978-2-84573-737-2.

Este livro, escrito pelo antigo Arcebispo de Avignon – que se retirou do cargo em 2002 e se dedica agora ao apostolado nas prisões, junto de doentes do foro psiquiátrico e também de comunidades religiosas – é isso mesmo: um convite ou uma proposta de redescoberta do Concílio Vaticano